



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

DISCRIMINAÇÃO RACIAL NA ESCOLA: CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO ALUNO NEGRO

Sueli Melo Silva*
(UESB)

RESUMO

Este artigo procura demonstrar através da revisão bibliográfica de algumas obras que abordam a discriminação racial e da análise de documentação oral, como a sociedade brasileira e as escolas lidam com a questão da identidade de alunos negros. Esta abordagem foi feita através de entrevistas com alunos negros de duas escolas públicas de Vitória da Conquista no período de 2000 a 2002.

PALAVRAS-CHAVE: Aluno negro. Discriminação racial. Educação.

No Brasil, predomina a visão negativa e preconceituosa a respeito do negro e paradoxalmente, se valoriza e identifica positivamente o “branco”. Isso gera na criança negra dificuldade em construir uma identidade positiva, por falta de modelos e pela enorme quantidade de estereótipos negativos sobre o negro. A criança negra interioriza durante seu processo de formação esta dualidade de desvalorização do negro e valorização do “branco”, buscando muitas vezes o “embranquecimento” como forma de auto-afirmação social. Apesar de ter crescido a discussão acerca da discriminação racial, o silêncio que ainda envolve esta temática no ambiente escolar impede o desenvolvimento de relações étnicas positivas, favorecendo o entendimento “da diferença como desigualdade e o negro como sinônimo de desigual e inferior” (Cavalleiro, 2000: 20).

* graduada em História – UESB, especialização em História Social do Brasil – UESB, Psicologia da Educação - UESB, e Educação, Cultura e Memória – UESB. E-mail: su.melo@hotmail.com.



Conceitos como identidade, discriminação, estereótipo, preconceito e diferença, estão intimamente ligados, principalmente quando se trata da discriminação racial na sociedade brasileira. Este artigo, portanto, procura enfatizar a construção da identidade do aluno negro no contexto escolar.

O dicionário do pensamento social do século XX, assim conceitua identidade:

Deriva da raiz *idem*, que implica igualdade e continuidade, o termo tem uma longa história que examina a permanência em meio à mudança e a unidade em meio à diversidade. (...) A política da identidade tornou-se visível a partir dos anos 60 e está particularmente associada a minorias étnicas, raciais e religiosas, bem como a movimentos sociais (feministas, negros, indígenas, lésbicas gays, etc). Experiências de opressão dos negros, mulheres homossexuais ganham destaque como foco central para se criar uma identidade grupal distinta, por meio da qual se desenvolve uma forte cultura de apoio e uma análise política da situação do grupo em foco (OUTHWAITE, 1996: 369-370).

A população negra sente dificuldades em construir uma identidade diferenciada em relação ao restante da população brasileira, porque apesar de ter características de cor e de raça específicas, já possui uma identidade nos moldes do modelo “branco” que lhe foi imposta implicitamente pela sociedade.

Não podemos pensar no papel da escola na construção da identidade sem lembrar que nela estão professores, diretores, livros didáticos e currículos escolares que também não têm uma identidade definida e bem construída. Portanto é difícil construir a identidade na criança se ela não está construída nas pessoas envolvidas na educação. Além disso, pesquisas recentes demonstram que o acesso às escolas é negado às crianças negras desde as séries iniciais até no ensino superior. Rosenberg verifica que:

O acesso de crianças brancas é maior que o acesso de crianças não brancas – considerando as crianças pretas, pardas e indígenas – se as crianças estiverem na idade correta de frequentar a educação infantil. Você tem uma entrada muito pequena na



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

creche e pré-escola, um aumento espetacular no ensino fundamental e uma diminuição progressiva. Estamos no Brasil numa situação em que nós temos menos criança freqüentando a creche do que adultos freqüentando o ensino superior (2002:2).

Outras pesquisas demonstram que o desempenho dos alunos “brancos” é bem maior que o dos alunos negros, além de um “branqueamento” das turmas no decorrer dos anos. Na 4ª série os auto-declarados pretos representam 11,3% dos participantes no exame do Saeb/ 2001, enquanto na 3ª série do ensino médio, este índice cai para 6,4%. Já com os brancos ocorre o inverso, sobem de 42,4% para 51% dos participantes, respectivamente nas séries indicadas (PINTO,2003:31, In ABRAMOWICH, 2006: 45).

Dados mais recentes do IBGE demonstram a diferença entre negros e não-negros na escola:

A taxa de analfabetismo de pretos (16,9%) e de pardos (16,8%), em 2003, continuou sendo mais que o dobro da observada para brancos (7,1%); as taxas de analfabetismo funcional entre brancos, pretos e pardos permaneceu acentuada, 18,4%, 32,1% e 32,5%, respectivamente, para estes grupos em 2003; embora as pessoas de cor preta e parda tenham ganho mais anos de estudos que a população branca (1,9 anos e 1,6 anos respectivamente, contra 1,4 anos), a diferença entre os grupos de cor ou raça permaneceu elevada, ficando em torno de 2 anos de estudos entre brancos e pretos e de 1,7 anos entre brancos e pardos (síntese de indicadores sócias, 2005: 311,in ABRAMOWICH, 2006: 45)

Os estudos acima demonstram que, apesar de ter crescido a discussão a cerca da discriminação racial na escola, ainda é grande a diferença no acesso e no desempenho entre negros e não-negros na educação brasileira. Mesmo quando os níveis sócio-econômicos se equivalem, ainda assim o negro apresenta uma trajetória escolar diferenciada.

A criança negra começa a negação de sua cor já na primeira infância, quando entra em contato com as primeiras formas de discriminação na pré-escola. O sistema



escolar, principalmente o público, utiliza-se de métodos e procedimentos didáticos inadequados para população negra e pobre, favorecendo a reprovação e evasão em massa.

Para Conceição Correia das Chagas no livro: Negro, uma identidade em construção:

A escola que, para a criança é o início de inserção na sociedade já recebe a criança negra segregando-a. A mesma prática é percebida nas igrejas, centros de lazer, revistas infantis, enfim em todos os veículos de comunicação social [...].

Os livros didáticos e a televisão continuam mantendo o padrão discriminatório, ou evidenciando em gravuras e textos a raça negra em desempenhos desvalorizativos ou simplesmente omitindo a figura do negro. A mesma prática ocorre nos murais dos corredores das escolas e salas de aula. Conclui-se que, alertando o dano que essa prática provoca contra o negro, especialmente a criança negra, em pleno momento de evolução, estaremos contribuindo para devolver ao negro o que lhe é constantemente negado – o direito de ser diferente (1997: 29).

Se na escola o indivíduo não recebe meios para desenvolver a sua identidade positiva com ele mesmo e com a sua cultura, ele não poderá se reconhecer como ser útil à sociedade, como sujeito de sua história individual e coletiva. Diferenças étnicas, não podem e não devem impedir a realização de uma identidade positiva dos indivíduos.

Em entrevista concedida por uma aluna do ensino fundamental da Escola Estadual Vilas Boas Moreira em Vitória da Conquista, a mesma, em nenhum momento demonstra ter orgulho da sua cor, talvez por já ter passado por diversas situações discriminatórias, chegando a ser alvo de piadas racistas, se sentindo rejeitada e isolada na escola, tendo assim, que se esforçar mais do que seus colegas, por saber que não teria apoio dos mesmos na assimilação dos conteúdos estudados. Assim ela relata:



Tem horas que eu passo a estudar mais, me empenhar mais, pra mim não ta dependendo de colegas meus, que eu sei que na hora que eu perguntar “eles vai dizer” que não sabe.

Vai inventar uma desculpa pra poder não me ajudar.

- Você tem muitas colegas ou amigas em sala de aula?

- Não. Nenhuma amiga, amiga eu não tenho nenhuma.

- Você atribui isso a sua cor?

- Acho que é por causa da cor. Porque tem muita gente na minha sala que tem amigas, que conta tudo, que fala tudo, já eu não.

- Você já foi alvo de piadas racistas?

- Já. Muitas vezes.

- Aqui na escola?

- Aqui na escola e “aonde” que eu moro.

- Essas piadas aqui da escola são da sala de aula ou de outras pessoas?

- Da sala de aula, da sala vizinha, sempre é assim (ALUNA D.).¹⁶³

Tal depoimento demonstra o importante papel que deve ser desempenhado pela escola, pois é nela que a criança tem uma das primeiras experiências da convivência em sociedade. Porém, percebe-se que ao invés de contribuir para acabar com a discriminação racial, a escola acaba colaborando, através de sua omissão, para a perpetuação do preconceito racial.

A aluna D. reage à discriminação racial almejando o “branqueamento”, achando que assim, terá uma vida mais fácil e melhores oportunidades na sociedade. Na verdade tal desejo é reflexo do ideal de “branqueamento” disseminado na sociedade brasileira desde a abolição da escravatura e do incentivo à imigração européia. A falta de incentivo através dos meios de comunicação, da escola e da sociedade em geral, na construção de uma identidade positiva do negro, cria em parte da população negra uma vergonha da

¹⁶³ Entrevista concedida por uma aluna do Colégio Vilas Boas Moreira em 10/05/2002, Vitória da Conquista.



sua própria cor, uma vontade de “branquear-se” e se tornar outra pessoa. Seu aspecto físico é a prova concreta de tudo o que o outro rejeita, tornando difícil a aceitação de sua identidade como negro. O depoimento abaixo revela um alto grau de baixa auto-estima por parte da entrevistada, quando ela afirma em uma de suas falas que gostaria de ser branca, pois assim sua vida seria bem melhor.

-Você se acha diferente de seus irmãos?

- Eu acho, porque eu sou mais negra do que eles.

-Você queria ser da cor de seus irmãos?

-Na verdade eu queria ser mais branca.

-Você acha que sua vida seria melhor se você fosse branca?

-Ia. Ia ser completamente diferente.

-Você se acha feia?

-Não. Não me acho feia, mas a cor tem hora que empata.

-Você acha que sua vida seria melhor se você fosse clara?

-Achava.

-Você tem vergonha de sua cor?

-Não. Eu não tenho vergonha da minha cor. Eu não posso mudar.

-Você acha que a vida dos seus irmãos é mais fácil que a sua pelo fato deles serem mais claros?

-É mais fácil pra eles (Aluna D.).

Através dos depoimentos acima se conclui que os alunos negros das escolas públicas passam por diversas situações discriminatórias, que afetam a sua convivência com o grupo em que vive, comprometendo a formação de uma identidade positiva, para que ele possa exercer plenamente seu papel como cidadão atuante, em uma sociedade



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

que prega falsamente, como ficou comprovado nas fala das entrevistadas, o mito da democracia racial, contrariando o que ocorre na sociedade e por extensão na escola.

Os pais ficam indecisos sobre qual atitude tomar quando os filhos percebem a discriminação racial na escola. Estes reagem de diversas formas como: ouvir sem reação, duvidar da existência da discriminação racial na escola, não dar importância ao fato, ensinar a criança a revidar, ou reclamar na escola, não acreditando na obtenção de resultados. O fato dos pais muitas vezes não acreditarem na existência do racismo no Brasil, dificulta reações de protesto nas situações de discriminação sofridas pelos filhos. Também, por saberem que tal protesto não é levado em conta por ninguém, e que não se obtém nenhum resultado positivo através deles.

Apesar de todas as dificuldades, a postura dos pais perante situações de discriminação racial nas escolas é de suma importância para as crianças negras, pois quando recebem apoio familiar reagem com facilidade aos efeitos negativos das agressões raciais, procurando superá-los.

Os depoimentos abaixo demonstram a falta de preparo dos pais para tratar de assuntos relacionados à discriminação racial nas escolas:

- Seus pais conversam com você em casa sobre discriminação racial?
- Não.
- Quando acontece caso de discriminação racial que envolve sua família, vocês comentam em casa?
- Sim. Falou uma vez. Quando minha irmã desfilou no colégio.
- Qual a reação de seus pais?
 - Falou pra ela não ligar, deixar falar (ALUNA J.).164

¹⁶⁴ Entrevista concedida por uma aluna do Colégio Estadual Vilas Boas Moreira em 02/05/2002., Vitória da Conquista.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

O problema da discriminação racial estende-se por toda a família dos entrevistados, onde até mesmo os parentes “brancos” discriminam seus familiares negros. Há no seio da própria família negra uma supervalorização do indivíduo “branco” introjetando na criança um sentimento de insegurança e dificuldade em construir uma identidade positiva, o que pode ser confirmado pelo depoimento abaixo:

- O pai do meu pai às vezes fala bem assim: Ah! Mas sua mãe é negra... Porque minha mãe é bem mais morena do que meu pai. Você olha assim fica até achando estranho. Mas ela é bem morena mesmo. Então há aquela coisa de racismo até por conta da própria família do meu pai contra a minha mãe. Mas ela não reage nem nada... eu acho a cor dela bonita.

- O seu avô já fez algum comentário que magoasse você e sua mãe?

- Já.

- Que tipo de comentário?

- Ah! C. é negra, ela não vai ficar aqui não... Assim na casa dele. Até hoje ele fala isso.

- Ele trata sua mãe diferente das outras noras?

- Trata. Com certeza.

- Você fica triste com isso?

- Não. Eu já acostumei. Quando eu era pequena eu ficava, mas agora não eu já acostumei... Eu até falava assim: se um dia a minha mãe morrer eu não quero morar com meu pai, de jeito nenhum, por causa do meu avô, eu me sentia muito pra baixo (ALUNA E).¹⁶⁵

A educação refletindo o modelo excludente e discriminatório da sociedade, não contribui para a formação de cidadãos negros com um nível elevado de auto-estima, afirmação e orgulho da sua etnia negra. Pelo contrário traz conseqüências danosas para o povo negro afetando-o em seus aspectos psicológicos e sociais: ausência ou baixo-nível de auto-estima, negação da etnia negra, identidade atribuída pelo grupo não negro,

¹⁶⁵ Entrevista concedida por uma aluna do Colégio Polivalente de Vitória da Conquista em 25/05/2002



apatia, desesperança, auto-responsabilidade por não atingir ascensão social (Chagas, 1997).

O depoimento da entrevistada abaixo vem confirmar os resquícios deixados pelas atitudes discriminatórias na escola, pois, ao ser entrevistada, aos 14 anos, relembra um fato ocorrido na sua formatura de alfabetização, quando tinha apenas 7 anos de idade.

...Na minha formatura da alfabetização, uma mulher que era vice-diretora da escola, falou bem assim: “você não vai entrar na fila da formatura, porque o seu cabelo está muito bagunçado e você não vai entrar”. Porque o povo tem mania de falar que negro tem cabelo ruim, né? Mas pelo contrário, eu tenho muito orgulho do meu cabelo e da minha cor. Então isso na hora me deixou muito sem graça, com muita vergonha, mas depois eu até entrei na fila. Minha tia fez um penteado.

- Você saiu da fila para arrumar o cabelo?

- Foi, porque ela disse que eu não iria entrar com o cabelo do jeito que estava.

- Você chorou?

- Chorei. Na hora eu chorei muito, porque eu era muito pequena.

- Você acha que vai marcar sua vida para sempre, ou você vai esquecer o que aconteceu?

- Não. Sempre, eu sempre lembro.

- Quantos anos você tinha?

- Eu tinha sete anos.

- Você chamou sua mãe, qual foi sua reação além de chorar?

- Chamei minha mãe, ela deu uma resposta e tudo. Eu falei: “não mainha pode deixar, deixa quieto, é melhor”.

- Naquele momento você se sentiu inferior aos seus coleguinhas?

- Sim. Menos do que eles como pessoa. Tinha uma foto minha, até que estes dias eu rasguei, porque eu me sentia muito pra baixo, muito pior que as outras pessoas, me achando muito ruim...

- Por que esta foto lhe deixa tão pra baixo?
- Nessa foto, tem minha foto, só que eu era muito assim, sabe? Eu não me sentia bem, eu me importava muito com que as pessoas falava ...
- E rasgar essa foto lhe deixou como?
- Me deu ânimo.
- Esqueceu do que passou?
- Não. Esquecer, eu não esqueço jamais. Mas pelo menos aquela lembrança eu não tenho viva, então é melhor rasgar. Tudo aquilo que é triste eu acho bom a gente tirar da vida da gente, como se fosse pegar um caminhão, juntar tudo e jogar fora. É muito melhor.
- Essa foto era você na escola?
- [...] Nessa foto eu tava de vestido e com o cabelo solto. Então meu cabelo tava todo bagunçado, aí eu peguei e falei: “não eu vou rasgar essa foto, que é muito melhor”. Porque foi justamente nesse dia que eu tirei a foto, no dia da formatura... Aí eu rasguei a foto, joguei fora (aluna E.).

No depoimento acima a entrevistada deixa claro que se sentiu “pra baixo”, demonstrado que sua auto-estima foi afetada. A sua atitude para destruir as marcas deixadas, foi rasgar a fotografia que lhe trazia a lembrança do fato ocorrido na sua formatura, demonstrado que o mesmo deixou seqüelas profundas que, segundo ela, será difícil esquecer, “ficará para sempre”.

Ao discutir sobre o negro e a educação Eliane Cavalleiro afirma:

A prevenção de práticas discriminatórias, penso, requer um trabalho sistemático de reconhecimento precoce da diversidade étnica e dos possíveis problemas que o preconceito e a discriminação acarretam em solo brasileiro, desde a educação infantil – família e escola. Tal prática pode agir preventivamente no sentido de evitar que pensamentos preconceituosos e práticas discriminatórias sejam interiorizados e cristalizados pelas crianças, num período em que elas se encontram muito sensíveis às



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

influências externas, cujas marcas podem determinar sérias conseqüências para a vida adulta (2000: 38).

A teoria da democracia racial reflete-se na escola, explicando o fato da discriminação racial muitas vezes passar despercebido no ambiente escolar. Sendo comum a queixa dos entrevistados em não receber atenção adequada às suas denúncias, levando o aluno a desacreditar que a direção irá se posicionar diante das suas reclamações, até chegar a ponto do aluno silenciar-se e não mais procurar a direção da escola. Candau no livro *Somos todos iguais?* Assim define a democracia racial e sua implicação na vida da população negra brasileira:

A crença em uma democracia racial constitui no imaginário da população o mito de uma sociedade harmoniosa, não-preconceituosa, que não se reconhece como racista e discriminadora. Enfim, um Brasil que seria um paraíso das raças. O desafio que se coloca, neste sentido, é continuar trabalhando para desvelar esse mito. Algo que supõe o reconhecimento da diferença como um dos elementos fundamentais de uma sociedade democrática e a afirmação da diversidade e pluralidade culturais, requerendo também a eliminação de estereótipos raciais e da visão do racismo cordial (CANDAU, 2003: 21).

Uma das entrevistadas quando questionadas sobre a reação da direção da escola ao receber denúncia de discriminação racial afirma:

[...] Pra direção já (falei), umas duas vezes, mais elas nunca falaram nada, fizeram nada. Por causa disso não falo mais.

Uma vez uma colega minha chamou eu de negra e falou que eu não podia estar na equipe delas, porque na equipe dela só tinha gente branca, aí eu fui falar com a direção do colégio, aí eles “falou” que vinha na sala conversar, que não podia ser assim, mas nunca chegou na sala pra falar sobre isso, aí também quase tudo eu ficava fora (aluna D.)

Como confirma o depoimento acima, o desinteresse da direção da escola pelos problemas que envolvem discriminação racial e a falta de decisões adequadas acerca dos



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

acontecimentos ocorridos, gera no adolescente uma sensação de desamparo e descrédito, que fará com que ele não recorra mais à direção, preferindo silenciar-se.

Eliane Cavalleiro (2000) comentando o papel da escola com relação à discriminação racial nos diz:

O necessário papel da escola em perceber o problema e buscar estratégias para sua superação parece não ser considerado. A criança, indefesa em sua pouca idade, é apontada como aquela que deve, além de tudo, buscar meios de compreender tudo sozinha e elaborar um novo sentido para o seu pertencimento étnico (CAVALLEIRO, 2000: 68).

Apesar da escola não procurar resolver os problemas étnico-raciais que ocorrem no seu espaço, os alunos percebem que a sua contribuição teria grande importância na melhoria das relações raciais. Por isso a depoente sugere:

Eu achava que a direção com os professores deviam chegar e conversar com os alunos, e demonstrar em forma de apresentações, de falar como que o negro é, que o negro é igual ao branco, que a diferença é a cor. Que a cor não é nada não.

Não melhoraria de tudo, mas com certeza uma boa parte agente não “taria” passando o que a gente passa (Aluna D.).

Os descasos e até o repúdio por parte da direção de algumas escolas deixam seqüelas por muito tempo nos alunos negros que sofrem discriminação, interferindo até na regularidade destes alunos na escola, contribuindo para que eles ao se sentirem rejeitados desista e abandone a escola.

É consenso entre todos os autores que trabalham com discriminação racial e educação, que o papel desempenhado pela escola é essencial para a formação de indivíduos com uma identidade positiva, tanto individual quanto social. Para formar cidadãos plenos com auto-estima elevada e que tenha orgulho de sua descendência africana, sentido-se parte da sociedade brasileira em nível de igualdade, é urgente e



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

necessária uma reforma no sistema educacional do Brasil, construída com a participação de todos os segmentos da sociedade.

É papel da escola reforçar a identidade positiva do negro, assumindo a especificidade étnica do grupo negro, dentro de uma sociedade composta de uma pluralidade racial como a brasileira, deixando de reproduzir a relação branco-negro da sociedade, que é uma relação de dominação-subordinação.

Além de constatar a presença de discriminação racial nas escolas é preciso também propor novos caminhos para reverter esta situação. Para alcançar estes objetivos a escola deverá ter uma maior preocupação com a auto-estima dos estudantes, conscientizando-os que todos os seres humanos são iguais, independente de sua cor, aspectos físicos ou condição social.

A escola não pode se eximir da responsabilidade de enfrentar o preconceito racial. Se há consciência de que o racismo permeia a sociedade não se pode pensar na escola como um paraíso livre da contaminação do racismo e do preconceito, seja ele racial ou social. É preciso encarar a questão, combatendo-a de forma direta e não superficial, pois poucos discutem a questão racial de forma didática, mostrando as diferenças de raças e etnias, sua história, seus valores e manifestações culturais.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICH, A.; BARBOSA, M. A.; SILVÉRIO, V. R. (Orgs.). Educação como prática da diferença. Campinas, SP. Armazém do Ipê – Autores Associados. 2006.
- CANDAU, V. M. Somos todos iguais? Escola, discriminação e educação em direitos humanos. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- CAVALLEIRO, E. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.
- CHAGAS, C. C. Negro, uma identidade em construção. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

OUTHWAITE, W.; BOTTOMORE, T. Dicionário do pensamento social do século XX. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1996.

ROSEMBERG, F. Dilemas da educação infantil brasileira contemporânea. In: Congresso Brasileiro de Educação Infantil, Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar. Campo Grande, 2002.